

---

# O espírito capitalista nas músicas de Thalles Roberto

---

FLÁVIA MEDEIROS DA SILVA<sup>1</sup>

A música tem exercido um papel fundamental nas celebrações cúlticas do povo cristão desde seus primórdios. Aquilo que no passado se restringia aos espaços sagrados invadiu, na atualidade, o mercado fonográfico, tornando-se um estilo musical conhecido como *gospel*. Esse mercado tem sido invadido por letras que têm se distanciado cada vez mais das mensagens bíblicas genuínas, chegando até mesmo a distorcê-las. Tem sido muito frequente nessas letras o que podemos chamar de “espírito capitalista”. Este artigo se propõe, primeiramente, a fazer um breve histórico da música na tradição bíblico-cristã para em seguida passar a abordar o espírito capitalista com base em Max Weber e a Karl Marx. A discussão se limitará ao contexto da música gospel no Brasil, e trataremos especificamente sobre até que ponto o espírito capitalista tem permeado as músicas do cantor gospel Thalles Roberto.

**Palavras-chaves:** Música gospel; Mercado fonográfico; Espírito capitalista; Thalles Roberto.

Music has played a fundamental role in the worship celebrations of the Christian people since the Church was founded. That which in the past was restricted to sacred places has invaded, in modern times, the phonographic market, and has become a music style known as gospel music. Such market has been invaded by lyrics increasingly far away from genuine biblical messages to the point of even twisting them. It is very frequent in these lyrics what we can call as “capitalist spirit”. This article aims, first, at presenting a brief survey of music in the biblical-Christian tradition, and, second, at dealing with the capitalist spirit based on Max Weber and Karl Marx. The

.....  
<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (2015-2019), mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2014) e possui graduação em História pela Universidade de Santo Amaro (2010). E-mail: flavia.medeiros2@uol.com.br.

discussion is limited to the Brazilian gospel music setting, and we will specifically investigate to what extent such capitalist spirit has permeated the songs of the Brazilian gospel singer Thalles Roberto.

**Key words:** Gospel music; Phonographic market; Capitalist spirit; Thalles Roberto.

Se ligarmos nossos rádios em estações gospel atuais, ouviremos inúmeras músicas que destacam as bênçãos adquiridas, as provisões de Deus presentes na vida da pessoa, o Deus que é quase um gênio da lâmpada que realiza todos os sonhos possíveis e impossíveis das pessoas. O “Deus que era nosso” se tornou apenas o “Deus meu”. O cenário fonográfico gospel tem sido invadido por letras que estão muito longe de possuir mensagens bíblicas genuínas, e quando essas referências aparecem, na maioria das vezes estão distorcidas. Tem sido muito frequente nas letras o que chamaremos aqui de “espírito capitalista”. Como o tema é muito amplo, este artigo trata especificamente do espírito capitalista presente nas músicas do cantor gospel Thalles Roberto.

Com o objetivo de trazer mais sentido a nossos comentários, vamos primeiro fazer um breve histórico da música na tradição bíblico-cristã; depois abordaremos o espírito capitalista, remetendo a Max Weber e a Karl Marx e suas teorias sobre esse sistema. Em seguida trataremos sobre o espírito capitalista na música gospel. Por fim, falaremos sobre a vida do Thalles Roberto e realizaremos uma análise sobre as canções de seu primeiro CD intitulado “Na sala do Pai”.

122

## Breve histórico da música na tradição bíblica cristã

Antes de falarmos sobre o assunto que nosso texto se propõe, é necessário entender um pouco da importância que a música tem dentro da religiosidade cristã. Martinho Lutero já dizia:

A música é a filha do Céu, e o homem que verdadeiramente a ama não pode ter senão bons sentimentos. Eu não tenho consideração alguma por um povo que não saiba cantar. Aqueles que ficam insensíveis à música são corações secos, que só posso comparar a um pedaço de rocha ou madeira (LUTERO *apud* FAUSTINI, 1973, p. 31).

A música certamente extrapola o cenário religioso. Ela pode ser considerada uma das artes mais apreciadas na história da humanidade, de todos os povos e



em todos os períodos históricos. Há quem considere que a fala seja a primeira manifestação musical da humanidade. A música exerce um fascínio sobre os seres humanos, possuindo o poder de mexer com nossas emoções, nossos sentidos e nossa percepção do mundo. Sacks confirma esse fato ao afirmar que

Ouvir música não é apenas algo auditivo e emocional, é também motor. “Ouvimos música com nossos músculos”, Nietzsche escreveu. Acompanhamos o ritmo da música, involuntariamente, mesmo se não estivermos prestando atenção a ela, conscientemente, e nosso rosto e postura espelham a “narrativa” da melodia e os pensamentos e sentimentos que ela provoca (SACKS, 2007, p. 11).

Por meio de suas letras, divulgam-se ideologias e formam-se opiniões. Por seu caráter único, a música é considerada algo divino, uma das formas pelas quais as pessoas podem se chegar a Deus, ou aos deuses, num ato de elevação espiritual, sendo usada nas celebrações cúlitas, nos mais diferentes rituais na história das religiões, e por todos os povos, nas diversas culturas, e em praticamente todas as manifestações religiosas. Na tradição judaico-cristã, a primeira menção à música se encontra no livro de Gênesis, no capítulo 4, versículo 21, onde Jubal é descrito como o pai dos músicos que tocam harpa e flauta. O povo hebreu era muito musical: “Para o povo hebreu, música e vida são sinônimos! Estão intimamente ligadas, pois juntas ajudam o povo a expressar seus sentimentos e a sua fé” (RAMOS, 2002, p. 12).

Nos primórdios do cristianismo, quando os primeiros cristãos ainda se reuniam em cavernas, eles já usavam música em suas celebrações na forma de cantos uníssonos, entoados sem o acompanhamento de instrumentos. Em 374, o bispo Ambrósio introduziu em sua diocese hinos e antífonas do Oriente, criando assim a forma ambrosiana de canto. Já no sexto século, o papa Gregório desenvolveu um novo estilo para o canto na igreja, que depois recebeu o nome de canto gregoriano. É formado somente de melodia uníssona, sem harmonia e sem divisão de compasso. Gregório também foi o fundador da primeira escola de música sacra da história cristã. Esta preparava líderes que iriam dirigir a música nas igrejas, e se chamava “Schola Cantarum”. O canto polifônico (canto a várias vozes) surgiu no mesmo tempo em que surgiram as grandes catedrais: “Era preciso muitas vozes para encher de sons os espaços das catedrais imensas e maravilhosas. Nada melhor que a polifonia, nas suas mais variadas formas, para completar a beleza e a imponência de uma Notre Dame, Reims, Chartres, Colônia e Westminster” (ZIMMERMANN, 2007, p. 26). Com a Reforma Protestante e sua nova liturgia,

surgiu também uma nova forma de cantar, e a música, agora cristã protestante, teve um papel muito importante na propagação das ideias de Matinho Lutero. Isso ocorreu porque ele aproveitou a melodia das músicas do folclore alemão e colocou letras cristãs. Assim, as pessoas podiam memorizar muito mais rápido as canções, pois já sabiam suas melodias. Desde então todas as igrejas protestantes que vieram depois encontraram na música um papel importante dentro de sua liturgia. Em muitas igrejas, o uso de hinários é fundamental durante os cultos.

A música cristã protestante chegou ao Brasil com os primeiros missionários, em meados do século 19. No início, apenas os hinos eram considerados músicas sagradas, tendo o órgão ou o piano como seu único acompanhamento. Com o tempo, já em 1950, começaram a surgir os chamados corinhos, canções mais simples, acompanhados por violão, mas apenas tocados em outras celebrações não relacionadas ao culto em si. Mas a grande revolução dentro da música protestante aconteceu na metade da década de 1960. Influenciados pelo *Jesus Moviment*, de origem norte-americana, muitos jovens começaram a usar outros ritmos musicais e outros instrumentos nas celebrações. Esse estilo inicialmente tinha espaço no culto de jovens, na evangelização e nos chamados “louvorões”, o que alguns anos depois tornou-se um momento na própria liturgia do culto. De tal período podemos destacar o grupo Vencedores por Cristo.

Dessa primeira revolução no cenário da música, o estilo agora conhecido como *música gospel* começou a tornar-se muito interessante em termos fonográficos, pois o povo cristão-protestante é muito fiel no seu consumo. E com o crescimento das igrejas neopentecostais, no início da década de 1980, muitas delas encontraram na música seu carro-chefe de apresentação e difusão. É o período que podemos denominar de Era dos Ministérios de Louvor, dos seminários de louvor, dos grandes shows de música gospel em estádios, atraindo milhares de fiéis. A música e os considerados ministros de louvores dão a impressão de que roubaram a cena para si e, muitas vezes, parecem ter sobre si o foco principal durante as celebrações cúlticas de muitas igrejas evangélicas. Cunha afirma o seguinte sobre o fenômeno:

A novidade surgiu com a consolidação do movimento gospel, por meios do mercado, e a profissionalização do trabalho musical evangélico, facilitada pelo desenvolvimento das gravadoras e das rádios especializadas. Esses ingredientes combinados promovem a criação de uma nova categoria para classificar os cantores e os grupos musicais dessa nona fase: os “artistas”. Esse é um componente novo no cenário evangélico dos anos 90, que até então se referia aos músicos e intérpretes



como “cantores”, “conjuntos” e “grupos musicais”, e não “artistas” (CUNHA, 2007, p. 89).

A música gospel tornou-se no Brasil um produto de mercado, cercado de artistas gospels, que movimenta milhões de reais por ano.

Tentamos até aqui traçar um breve panorama da música cristã, primeiramente em termos bíblicos, depois nos primeiros cristãos, nos reformadores e atualmente no Brasil. Certamente a discussão sobre o assunto é muito maior e complexa; porém, no tocante ao que nosso texto se propõe, esse breve histórico é suficiente.

Na próxima seção, trataremos um pouco mais sobre o que iremos considerar neste artigo como o espírito capitalista.

## O espírito capitalista

Para falarmos de espírito capitalista, é preciso primeiramente definir o que é o capitalismo. Para isso vamos trabalhar com suas definições mais clássicas, a de Max Weber, a culturalista, e a de Karl Marx, a histórica. Catani informa que

125

Segundo Max Weber, a ideia principal neste modo de pensar refere-se à extrema valorização do trabalho, da prática de uma profissão (vocação) na sua busca da salvação individual. A criação de riquezas pelo trabalho e poupança seria um sinal de que o indivíduo pertenceria ao grupo dos “predestinados”. O conjunto dessas ideias formaria o fundamento de uma ética, elaborada pela Reforma, que implica a aceitação de princípios, normas para conduta, que seriam a expressão de uma “mentalidade” e de um “espírito capitalista”. Torna-se evidente nesta concepção do capitalismo a grande importância conferida a fatores culturais. De acordo com Weber, existe capitalismo onde quer que a provisão industrial das necessidades de uma comunidade seja executada pelo método de empresa, pelo estabelecimento capitalista racional e pela contabilidade do capital (CATANI, 1991, p. 7-8).

Para Weber, as ideias capitalistas já podiam ser percebidas em outras sociedades e culturas, em vários períodos da história, tais como o impulso e a ânsia para o ganho que já eram conhecidos antigos da humanidade. Contudo, é no Ocidente que ele se

desenvolve e se sistematiza, por assim dizer, com toda a roupagem que temos hoje. A Reforma Protestante, em especial a Reforma Calvinista, contribuiu para esse desenvolvimento, principalmente por encarar o trabalho “secular” como vocação divina. Sobre esse assunto, Weber ressalta:

Foi, portanto, nesse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do protestantismo, descartado pela divisão católica dos preceitos éticos em *praecepta e concilia*, segundo o qual a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas, sim, no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação (WEBER, 2000, p. 53).

Diante da Reforma Protestante, o trabalho começou a ser considerado algo bom, e a vocação para praticá-lo como algo esperado por Deus. O aumento das riquezas também era aceitável; contudo, havia uma restrição no seu consumo, o que gerou o acúmulo de capital: “As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital” (WEBER, 2000, p. 124). Assim, de certa forma a Reforma Protestante possibilitou a mudança de mentalidade do povo em relação às riquezas e ao trabalho. É daí que Weber desenvolve sua teoria de que o capitalismo é culturalista. Catani, discutindo essa teoria de Weber, afirma:

Segundo a interpretação de Weber, o objetivo do capitalismo é sempre, em todo o lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital. E esse processo de enriquecimento constitui uma indicação segura de que se está predestinado. E é justamente nesse ponto que é possível observar, de acordo com a concepção de Weber, as estreitas relações existentes entre as aspirações mundanas do capitalismo (CATANI, 1991, p.16).

A outra concepção sobre capitalismo vem de Karl Marx, que o vê a partir de uma perspectiva histórica. Essa noção de capitalismo é definida

Como sendo um determinado modo de produção de mercadorias, gerado historicamente desde o início da Idade Moderna e que encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês, ao qual se chamou Revolução



Industrial. [...] Por essa perspectiva, capitalismo significa um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca. Para que exista capitalismo, são necessárias a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para a qual a venda da força de trabalho seja a única subsistência. (CATANI,1991, p.8).

Logo, simplificada, para Marx o capitalismo é fruto de um processo histórico da produção de mercadorias e do seu modo de produção que traz consigo a propriedade privada e a existência de uma classe dominante e outra dominada. “Para Marx, o capitalismo não era o modelo geral do regime econômico per se, em relação ao qual todos os demais constituiriam aberrações, mas, sim, um modo de produção hegemônico ou dominante em uma formação histórica e social determinada” (CATANI,1991, p. 55)

Outra característica que o capitalismo possui — e que merece ser destacada por ser considerada um dos seus fundamentos — é a de saciar os desejos das pessoas. Sung comenta:

127

O capitalismo, e quem já leu livros sobre marketing e propaganda sabe muito bem disso, é um sistema econômico centrado no desejo. Não no desejo de lucro dos empresários, mas fundamentalmente no desejo dos consumidores. O lucro é uma consequência da eficiência na satisfação dos desejos dos consumidores. E é também porque sabe manipular e satisfazer tão bem os desejos dos consumidores que o capitalismo e seus defensores conseguem angariar apoio (SUNG, 1998, p. 12).

A partir dessa premissa, os lucros com o capitalismo são aceitáveis e bastante justificáveis, pois é preciso saciar as necessidades e os desejos da sociedade, e se isso, no final das contas, der lucro, trata-se de uma consequência apenas. Aí vale aquela velha máxima: “Servimos bem para servirmos sempre”. O que os empresários fazem é um bem para a sociedade.

Todavia, ao longo dos anos, desde a era moderna e o que chamamos hoje de pós-modernidade, vemos que o capitalismo foi se aprimorando, se desenvolvendo e ganhando, ou talvez deixando aflorar mais ainda outras características. Entre essas características do espírito capitalista, podemos citar o acúmulo de riquezas, a

produção de mercadorias, a luta de classes, o egoísmo, a exploração, o individualismo, a satisfação dos desejos, a mercadoria, o fetiche, o lucro, a efemeridade e a aquisição de todos os bens materiais possíveis.

Assim, depois dessa breve explanação sobre o capitalismo, falaremos um pouco mais sobre o espírito capitalista na música gospel atual.

## O espírito capitalista na música gospel

Vimos na primeira seção que a música tem um papel fundamental nas celebrações cúlticas do povo cristão desde seus primórdios, e que hoje ultrapassou o universo das celebrações nos espaços sagrados e ganhou espaço no mercado fonográfico brasileiro, passando a ser um estilo musical. Rompeu as barreiras das instituições religiosas cristãs, pois todas as igrejas, sejam elas metodista, batista, presbiteriana, Renascer em Cristo, Bola de Neve e afins, os “hits” mais tocados durante o momento litúrgico do louvor serão praticamente os mesmos. Assim, a música gospel tornou-se um produto de mercado, sendo este muito lucrativo. Ela tem dado um novo sentido ao modo de vida religioso das pessoas. Cunha (2007, p. 87) ressalta que “a música dá sentido a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica, mas como mediação do sagrado. Na cultura religiosa gospel, por meio da música pode-se chegar a Deus e até mesmo tornar-se como Deus”.

Os cantores e cantoras que acompanhavam os momentos musicais do culto dão lugar ao artista gospel. E para cantarem seus *hits* nas igrejas pelas quais são convidados, ou melhor, contratados, chegam a cobrar cachês de até R\$ 45 mil reais, e, às vezes, até mais. Os músicos de tais bandas, que outrora eram oriundos da própria igreja, agora são profissionais contratados, e muitas vezes sequer são cristãos protestantes. Hoje os artistas gospel podem ser vistos em programas de televisão seculares, mostrando ao grande público que “ser crente é legal”. A partir daí criaram sua própria moda, pois não basta possuir o CD ou DVD do/a artista gospel; é preciso ter a camiseta, a baby-look, o boné ou até mesmo se vestir da mesma maneira que ele/ela. Cada vez mais são comuns os shows gospels em grandes casas de show. Além disso, presenciamos hoje uma onda de conversões de muitos cantores do “mundo secular” para o mundo gospel, e estes têm levado consigo seu estilo musical e de apresentação e incorporando em seus discursos os clichês cristãos; afinal, o que vale é ser “super ungido”.

O espírito capitalista tem se revelado na música gospel através da forma mercadológica que esta tem adquirido, transformando-se num produto a ser desejado e comprado. Visto que a necessidade de comercialização deve ser rápida,



o lançamento de novos CDs tem que acontecer todo ano. É um mercado muito lucrativo. Cunha comenta ainda:

Na lógica da cultura do mercado, consumir bens e serviços é ser cidadão; na lógica da cultura gospel, consumir bens e serviços religiosos é ser cidadão do Reino de Deus. Nesse caso, o consumo não é apenas uma ação que responde à lógica do mercado, mas constitui elemento produtor de valores e sentidos religiosos (CUNHA, 2007, p. 138).

A partir desse pensamento, podemos dizer que consumir cultura musical gospel é um meio de colaborar com o crescimento o Reino de Deus, não apenas porque ela possibilita uma edificação pessoal, mas também porque pode ser levada a não cristãos, pois a pessoa cristã pode presentear algum amigo com um CD gospel. A música gospel, portanto, parece ter se tornado um interessante instrumento de evangelização, pois tem um alcance que uma pregação feita dentro da igreja não tem, já que pode ser escutada em qualquer lugar. É sempre possível escutar nas igrejas testemunhos de pessoas que se converteram ao ouvirem uma música gospel.

Outra característica bem interessante é que o lucro com o povo cristão protestante é certo, pois este é muito fiel, considera a pirataria um pecado e na maioria das vezes compra os CDs e o DVDs originais. Some-se a isso o fato de que muitas denominações consideram pecado ouvir “música do mundo”; logo, seus membros, para poderem consumir música, têm que optar sempre por artistas gospel. Em termos de lucratividade para a indústria fonográfica, esses aspectos religiosos se adequam perfeitamente à sua busca pelo lucro, o que, por sinal, diante das características tão particulares desse público, acontece sem muito esforço.

Mas o espírito capitalista não tem se revelado apenas na maneira de se produzir a música gospel; ele tem também invadido o conteúdo das letras dessas canções. E este artigo se propõe a uma análise das canções do cantor gospel mais vendido dos últimos anos, o cantor Thalles Roberto.

## O cantor gospel Thalles Roberto

Um dos cantores mais populares do mundo gospel de hoje é, sem dúvida, o cantor Thalles Roberto. Suas músicas são cantadas nas igrejas, nas rodas de jovens, nos louvorões e principalmente nas rádios gospel. Ele foi um dos cantores gospel

que mais vendeu CDs nos últimos cinco anos, desde o começo de sua carreira como músico cristão após sua conversão.

Thalles nasceu em um lar cristão, e seu pai é pastor. Mas, durante a juventude, saiu da igreja e foi tocar com a banda secular Jota Quest. Envolveu-se com drogas e bebidas alcoólicas, até que teve uma experiência religiosa que assumiu como um reencontro com Deus, o que mudou o rumo de sua história. Agora convertido, tornou-se artista gospel. Escolhemos, então, falar de suas canções por serem grandes *hits* gospel do momento, e investigar até que ponto o espírito capitalista permeia o seu conteúdo

## O CD “Na sala do Pai”

Para nossa análise, vamos falar sobre o primeiro CD lançado em 2009 por Thalles Roberto, chamado “Na sala do Pai”. Ele possui 14 músicas, sendo o cantor compositor de 13 delas. Em uma música ele divide a autoria com outro cantor gospel, Samuel Mizrahy. Uma marca forte dessas canções é o uso das seguintes palavras: “eu”, que aparece 40 vezes; “meu”, que aparece 23 vezes; “me”, que aparece 14 vezes; e “mim”, que aparece nove vezes. Em contrapartida, a palavra “Jesus” aparece seis vezes; “Cristo”, três vezes; “Deus”, 61 vezes e “Senhor”, 20 vezes. Quase todas as letras estão no singular, revelando um forte apelo ao individualismo. A fé individualizada aparece em praticamente todas as canções, assim como as referências de que Deus deve atender “aos meus desejos”, quase como um gênio da lâmpada. Em nenhuma das canções é possível perceber algum senso de vida em comunidade e fraternidade. A exaltação da felicidade aqui e agora é muito forte, sem qualquer menção à felicidade celestial no porvir.

Em termos musicais, Thalles Roberto faz um rock pop, no estilo das bandas seculares Skank e Jota Quest — esta última, a propósito, é a banda da qual foi integrante durante muitos anos. Como o rock pop é um estilo musical já consagrado, que consegue envolver quem o escuta de maneira bem profunda, numa “ministração” de Thalles o espectador pode se sentir como se estivesse num show de uma banda secular. Um ouvinte mais desavisado poderia perfeitamente perguntar se aquele show não seria apenas uma apresentação da banda Jota Quest cantando suas músicas com letra cristã. Musicalmente falando, as músicas do Thalles provocam uma grande histeria em seus fãs — razão por que faz um grande sucesso e tem sua aceitação diante de um público mais jovem. Suas “ministrações” ao vivo são sempre muito performáticas e dançantes, o que leva seu público a um espírito de profunda alegria.

Partindo para uma análise mais específica em termos do conteúdo das letras das músicas do CD “Na sala do Pai”, temos a primeira faixa, “Arde outra vez”. Ela fala da volta e do arrependimento do eu lírico por ter saído da presença de Deus, e de sua sensação de bem-estar por retornar à presença de Deus. Também pede para que Deus o purifique, além da existência



de um diálogo entre Deus e o personagem, no qual Deus exalta sua volta. A segunda faixa, “Pela graça”, fala da graça salvadora e libertadora de Jesus. O eu lírico, porém, sempre usa a primeira pessoa para falar dessa graça que recebeu, revelando um espírito individualista.

Na faixa número três, “Ele é contigo”, o eu lírico fala das maravilhas de Deus e seus atributos em terceira pessoa, dizendo que Deus deve ser digno de confiança pelo que Ele faz. O espírito capitalista se revela nessa música quando fala do Deus que tudo pode fazer e tudo irá prover. O cristão sempre terá todos os bens materiais que precisa, porque o Deus do impossível vai lhe dar. Na canção número quatro, o eu lírico fala de situações difíceis de suportar repletas de problemas que o acabam cegando e impedindo que ele perceba a grandeza de Deus. Mas ele logo se volta para o Céu, de onde vem o socorro, e se lembra de que Deus sempre o ouve e faz coisas impossíveis a seu favor. A ideia de um Deus que satisfaz todos os desejos individuais fica expressa nessa canção.

A canção número cinco, “Deus da minha vida”, é o que poderíamos considerar o ápice do discurso individualista de todo o CD. Esta é a sua letra:

*Deus meu,  
Pai meu,  
Amor meu,  
Tudo, razão de tudo!  
Deus meu,  
Ar meu,  
Farol, o farol que eu  
Preciso, como eu preciso!!*

*Eu preciso te sentir todo dia!  
E olhar pra tua luz pra não me perder!  
Meu Senhor, Tu és a minha alegria  
E eu preciso!!*

*Deus da minha vida  
Fica comigo  
Sou a sua casa  
Mora em mim  
Deixa eu te dizer o que eu preciso, Pai  
Eu preciso do Senhor!!<sup>2</sup>*

.....

<sup>2</sup> CD Thalles Roberto “Na sala do Pai”, 2009.



O eu lírico expressa aqui um forte individualismo, demonstrando uma ânsia e um desejo de querer tudo apenas para si.

A faixa número seis, “Deus da força”, assim como o próprio nome diz, fala da força de Deus, em especial nas batalhas espirituais. O eu lírico faz referências à libertação do povo de Israel e ao livramento de Daniel na cova dos leões para justificar como Deus é um Deus de força. Essas referências à força de Deus são sempre para justificar que Deus irá fazer tudo o que as pessoas querem e que elas terão seus mais diversos desejos saciados, porque servem a um Deus de força. Não existem perdas para quem serve a esse Deus, o que é expresso no seguinte trecho da canção:

*Esgotadas as possibilidades  
De, um dia, a derrota conhecer  
O Deus da força está contigo  
O Deus da guerra é o Deus  
Que pode tudo, tudo, tudo [...] (faixa 6).*

132

Nessa insistência na palavra “tudo”, expressa nesse trecho, e que aparece muitas vezes em outras músicas também, podemos perceber um certo espírito capitalista com sua filosofia de que o que interessa é sempre achar que podemos tudo que, como indivíduos, quisermos ter. Além disso, percebe-se que, nesse sistema, não pode haver derrotados.

Na faixa número sete, “Na sala do Pai”, o eu lírico fala da falta que sentiu da casa de Deus, enquanto estava desviado, e começa então a listar as características que Deus tem para ele. Diante disso, percebe que o melhor a fazer é voltar para a casa do Pai. E mais uma vez a mensagem é centrada no eu.

Na faixa número oito, existe um diálogo entre Deus e o eu lírico. Deus vai falando como protegeu o personagem durante o tempo em que ele esteve fora de seus caminhos.

Na faixa número nove, “Quero aprender com Jesus”, a única canção em todo o CD em que o eu lírico fala de amor ao próximo, do seu desejo de ser igual a Jesus e de vivenciar esse amor.

Na canção número dez, “Águas que saram”, o eu lírico quer receber os milagres de Deus, e muitos desses milagres vêm das águas de Deus. O espírito individualista de querer tudo para si aparece mais uma vez.

Na faixa número 11, “Quero as águas”, o eu lírico diz que quer mergulhar mais fundo nas águas de Deus. O individualismo se revela mais uma vez no uso da primeira pessoa.

Em “Tudo que sonhei”, a faixa número 12, o espírito capitalista descrito por Max Weber pode ser percebido:



*Posso conseguir tudo que eu sonhei.  
Alcançar o mundo, bens, riquezas  
Posso conquistar vidas e corações  
E fazer minha história,  
Construir meu castelo com minhas próprias mãos.*

*Mas a vida de nada valerá  
Se eu não viver para o meu Deus,  
Cantar e contar suas obras,  
Ser sempre fiel ao teu querer  
E viver a vontade do Pai.*

*Posso conseguir tudo que eu sonhei.  
Alcançar o mundo, bens, riquezas (eu posso até poder  
voar).  
Posso conquistar vidas e corações  
E fazer minha história,  
Construir meu castelo com minhas próprias mãos.*

*Mas a vida de nada valerá  
Se eu não viver para o meu Deus,  
Cantar e contar suas obras,  
Ser sempre fiel ao teu querer  
E viver a vontade do Pai.*

*Mas a vida de nada valerá  
Se eu não viver para o meu Deus,  
Cantar e contar suas obras,  
Ser sempre fiel ao teu querer  
E viver a vontade do Pai.*

*Mas o plano de Deus é o melhor.  
Sua vontade, perfeita pra mim.  
Eis me aqui, Pai,  
Envia-me a mim.  
Onde quer que mandares,  
Irei, meu Senhor (faixa 12).*

Diante dessa canção, podemos perceber que é permitido para o cristão protestante possuir bens materiais; contudo, sua vocação no mundo é contribuir para que a vontade de Deus aconteça. A vida tem que valer a pena pelo que se pode possuir e como essas posses podem construir uma vida segundo a vontade de Deus.

Na canção número 13, “Eu tenho um Deus”, o eu lírico exalta o Deus poderoso que ele tem, e que sempre vem ao encontro de todas as suas necessidades. Nessa faixa ele também exalta o poder de Jesus com esse mesmo atributo, Aquele que realiza todas as suas vontades. Em nenhum momento a salvação da alma e a vida no porvir são destacadas. A exaltação é sempre para uma vida com tudo o que esta Terra pode oferecer.

Na última faixa do CD, “Não pare, não”, o eu lírico fala para uma terceira pessoa que esta não deve parar de acreditar em Deus, porque Ele é fiel e tudo de melhor fará. Mais uma vez a questão do Deus que pode dar tudo neste mundo é expressa.

Depois de analisarmos cada uma das canções do CD, foi possível perceber o quanto o espírito capitalista fica claro nas canções de Thalles Roberto. Essas músicas, por possuírem letras simples e não muito trabalhadas estruturalmente, com melodias vindas do rock pop, são facilmente decoradas e repetidas a exaustão em cultos de jovens. Ele forma uma mentalidade de que a felicidade do cristão protestante está na vida terrena e de que Deus tem que derramar todas as bênçãos que a pessoa quiser. A mensagem de libertação, salvação e amor revelada na vida de Jesus é inexistente nessas músicas.

Se pensarmos o capitalismo como um sistema que vem ser a resposta para a construção de uma sociedade que o cristianismo não conseguiu produzir, como defendem alguns pesquisadores, as músicas de Thalles Roberto se encaixariam perfeitamente bem na religião capitalista. Sung expressa muito bem esse pensamento:

O sistema de mercado, o sistema de concorrência de todos contra todos, é apresentado como aquele que possibilita o progresso técnico infinito que vai nos possibilitar a acumulação infinita que será capaz de satisfazer todos nossos desejos atuais e os ainda por vir. O capitalismo é apresentado como realizador das promessas que o cristianismo fazia para após a morte. A mudança não é só no tempo, de pós-morte para o futuro intra-histórico, mas também no sujeito realizador das promessas: de Deus para o sistema capitalista (SUNG, 1998, p. 26).

De fato, o Deus sobre quem Thalles canta parece muito mais com um Deus capitalista que pode oferecer tudo e uma felicidade plena aqui na Terra.



## Considerações finais

Diante de tudo o que analisamos neste artigo, podemos chegar a algumas conclusões. Em primeiro lugar, a música gospel representa hoje um mercado muito lucrativo para quem a produz. Em outras palavras, é o carro-chefe do consumo cultural do mundo cristão protestante. Contudo, sua maneira capitalista ultrapassou a forma de sua produção e invadiu também o conteúdo das letras, levando ao que poderíamos aqui nomear de *teologia do individualismo*. Nas músicas de Thalles Roberto, como vimos, o uso do eu é exagerado, e o poder de Deus para abençoar a vida aqui na Terra também é muito explorado.

Esse espírito capitalista, tanto na maneira de produzir as músicas quanto na de expressar seus conteúdos, tem revelado uma mudança na própria prática de fé dos cristãos protestantes. As mensagens das músicas têm criado uma mentalidade individualista nas pessoas, e, por consequência, uma prática religiosa individual. Além disso, Deus tem sido visto como o realizador de todas as bênçãos que alguém possa almejar. Essas mensagens têm produzido também crentes cegos à dor daqueles que também se sentem no direito de reivindicar de Deus tudo o que querem adquirir. As práticas cristãs estão cada dia mais distantes daquelas propostas pelo evangelho de Jesus: o cuidado pelas pessoas, o amor ao próximo, a fraternidade e a igualdade entre todos. Esses aspectos não parecem estar presentes em muitas músicas gospel — e nas de Thalles, como vimos, Jesus pouco aparece.

Outro ponto que podemos destacar é que o capitalismo se desenvolve principalmente pela mudança de mentalidade advinda através da Reforma Protestante, que via o trabalho como uma bênção e o acúmulo de riquezas como algo aceitável. Hoje, o capitalismo faz o caminho contrário, pois leva suas ideais para dentro do espaço das igrejas, nas mais diferentes, e por vezes sutis, formas.

Certamente as discussões sobre esses assuntos não se esgotam aqui. Procuramos neste artigo trazer algumas contribuições que podem ser investigadas de forma muito mais extensa em pesquisas futuras.

## Referências

CATANI, A. M. **O que é Capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CUNHA, M. N. **A explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2007.



FAUSTINI, J. W. **Música e adoração**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1973.

RAMOS, E. D. O. **A música como instrumento evangelizador**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

SACKS, O. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SUNG, J. M. **Desejo**: mercado e religião. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

ZIMMERMANN, N. **A música através dos tempos**. São Paulo: Paulinas, 2007.